



### PSICANÁLISE, EXISTENCIALISMO E DROGAS PSICOATIVAS: UMA LEITURA MULTIDISCIPLINAR DO USO DE DROGAS

Matheus Mainardes de Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Willian Nunes Bueno<sup>2</sup>  
Prof. Or. Marcos V. Barszcz<sup>3</sup>

**Resumo:** *O presente resumo expandido tem por objetivo propor uma leitura do uso de drogas psicoativas a partir de elementos da psicanálise Freudiana e do existencialismo de Sartre. De abordagem qualitativa e exploratória, o texto articula conceitos de ambas as teorias para propor reflexões sobre o consumo indiscriminado de drogas psicoativas na contemporaneidade. Tal explanação consiste na pontuação da angústia existencial, que implica num superego fragilizado e num id dominante e imediatista, fazendo do ego passivo diante de suas potencialidades.*

**Palavras-chave:** Psicanálise. Uso de drogas. Drogas psicoativas. Existencialismo.

#### Introdução

Inerente à condição humana, a angústia propicia o consumo de drogas psicoativas como forma ora de obtenção de prazer, ora de fuga do sofrimento. Em nosso meio, o entorpecimento é banalizado social e judicialmente, sendo os usuários marginalizados e deixados à mercê de condições psicológicas que sustentam a prática do uso. Enfatiza-se que o uso das drogas psicoativas, nos vieses psicanalítico e existencialista, pode ser lido como resultado da forma como o ser se comporta frente à sua angústia, sendo o entorpecimento o resultado de seus julgamentos e de suas intenções.

A teoria de Freud norteia a análise do psiquismo humano, sua construção e suas implicações, destacando a forma como o ser se insere no mundo. O aparelho psíquico, composto por id, ego e superego, perpassa a totalidade de condições a que cada sujeito é submetido e a maneira com que são interiorizados e externalizados os resultados de suas interpretações. Tais componentes entram em conflito quando, em sofrimento, o ser recorre ao prazer imediato da droga.

Já em Sartre (2014), que postula que “a existência precede a essência”, a liberdade é a condição intrínseca ao ser, configurando-no como condenado a escolher e às consequências de seus atos. O ser-para-si é implicado por sensações e sentimentos oriundos da sua relação com a existência, utilizando de sua liberdade e de sua consciência na construção contínua de sua essência. Quando o para-si encontra-se desamparado, pode surgir a necessidade de desestimulação de ser enquanto no mundo, havendo a possibilidade de recorrer ao uso de psicoativos. Sua essência, todavia, não deixa de ser construída pela distanciação da realidade provocada pelo entorpecimento,

<sup>1</sup> Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant’ana.

<sup>2</sup> Willian Nunes Bueno;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant’ana.

<sup>3</sup> Prof. Or. Marcos V. Barszcz;

Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant’ana.

nem tão pouco se torna passivo diante de suas potencialidades. Este para-si continua se construindo, sem jamais perder sua autonomia e a consciência de seus atos -- mesmo que essa seja apenas uma fonte de angústia.

O para-si se constrói ininterruptamente, colocando o ser como ativo na construção de sua própria essência. A angústia é relatada em ambas as teorias destoando, porém, no que diz respeito à consciência e à essência. Adentrando a busca pelo prazer -- ou fuga do desprazer --, este texto relaciona o uso indiscriminado de drogas psicotrópicas a carências e excessos a partir das teorias em questão. Salienta-se o enfoque no entorpecimento por substâncias psicoativas com propósito de fuga do sofrimento, isto é, da consciência de que se sofre.

## **Objetivos**

Apresentar a relação entre a angústia do ser-no-mundo e o uso de drogas a partir das teorias psicanalítica e existencialista.

## **Metodologia**

Estudo bibliográfico de caráter exploratório e qualitativo. Para tanto, utilizou-se de estudos acerca do existencialismo sartreano e da psicanálise freudiana, além de artigos publicados na plataforma Scielo.

## **Resultados/Resultados parciais e discussão**

“Drogas são produtos históricos e culturais, que remetem a modos particulares de compreensão, experimentação e engajamento no mundo” (LABATE *et al*, 2008, p. 14). Seja por recreação, seja pela fuga do desprazer, o consumo de drogas é amparado por carências psicológicas e existenciais. A liberdade produz a angústia da escolha e da consequência, sendo o entorpecimento não apenas um refúgio contra o sofrimento, como também uma ruptura com os valores ditos vigentes.

O indivíduo que faz uso de substâncias psicotrópicas não o faz pela má-fé; ao contrário, está em exercício de sua consciência no ato de escolha e, mesmo quando entorpecido, continua a construir sua essência. Segundo Sipahi e Vianna (2001, p. 504), “(...) a busca repetitiva de sensações de prazer nas drogas, faz com que o dependente altere sua relação com o tempo, aliviando-se constantemente da necessidade de cuidar de seu futuro”. Ocorre, pois, que se ofusca a amplitude de escolha na existência, e o ser passa a ser um para-si decadente, com redução e limitação de suas perspectivas e sem desejo da consciência censora.

Freud (1976) ressalta que o prazer e o desprazer são os sentimentos mais externalizados pelo sujeito, uma vez que, para suprir uma necessidade emocional, se coloca no mundo em busca de objetos de desejo. Partindo desse pressuposto, torna-se evidente que o usuário de droga não apenas o faz por recreação ou por rebeldia, mas porque tem pendências profundamente construídas que formam traços de personalidade e sentimentos que fazem com que ele recorra a uma fuga -- por mais que ele não saiba do que exatamente está fugindo. "As sensações de natureza prazerosa não têm nada de inerentemente impelente nelas, enquanto que as desprazerosas o têm no mais alto grau" (FREUD, 1976, p. 35), motivo pelo qual os angustiados sentem a necessidade de

<sup>1</sup> Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant´ana.

<sup>2</sup> Willian Nunes Bueno;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant´ana.

<sup>3</sup> Prof. Or. Marcos V. Barszcz;

Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant´ana.

buscar o entorpecimento, sendo o desprazer tão intenso que um id imediatista predomina sobre um superego fragilizado.

Deteriorado o senso moral, o superego passa a ser apenas uma fonte de angústia ao ser, que se torna nada mais que um escravo de seus desejos, uma vez que a liberdade se configura como tortura e a vida se torna um ciclo vicioso de obtenção de prazeres passageiros. A sensação e o sentimento se tornam, pois, vias de mão dupla que alimentam continuamente o ciclo de fuga. O ego, segundo Freud (1976) é a projeção da superfície, ou seja, o ser-no-mundo que se comporta de acordo com a psique construída pelo mundo e pela sua interpretação. Quando o ser recorre constantemente às sensações que ludibriam temporariamente sua consciência, é evidente que o faz por um dilema em seu aparelho psíquico, que não mais é capaz de comportar sua alocação no mundo.

"O ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade" (FREUD, 1976 p.39), mas, quando o ser-no-mundo não mais suporta ser-para-si, o senso de realidade é deteriorado. O desespero advindo da responsabilidade, então, é substituído pela desesperança, isto é, pela escolha existencial potencialmente limitante que é o uso de drogas psicoativas.

### **Considerações finais**

O objeto de desejo do id não é o entorpecimento pela fuga da realidade, mas a fuga da realidade em si, que só é possível a partir do entorpecimento. O para-si angustiado passa a construir sua essência em prol do vício, que é, antes disso, a fuga do sofrimento -- e a consolidação do sofrimento em prol do cárcere da liberdade. É importante ressaltar, porém, que com fuga da realidade, mais precisamente, fala-se de fuga do próprio psiquismo, reinando o id sobre o superego, isto é, o princípio do prazer. Quando o ser-no-mundo apresenta disfuncionalidade psicológica, o mundo nada mais é que um objeto de obtenção de sensações, destoando da existência como ela é – plena de possibilidades. Ocorre, porém, que não há determinismo na prática toxicológica do para-si, uma vez que ele é livre enquanto ser-no-mundo. A análise pontua a angústia da liberdade que desequilibra a estrutura psíquica do ser. O id configura o ser-para-si como dependente de uma fuga da consciência, e o superego o angustia pela continuidade de suas escolhas, que são, diferentemente da busca do prazer indiscriminado, conscientes. Tratando-se de um estudo explanatório, expõe-se a angústia existencial que leva o para-si a recorrer ao uso de substâncias psicotrópicas, não unicamente pelo efeito, mas pela libertação temporária da culpa e do desespero.

### **Referências**

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 32-42.

LABATE, Beatriz C. *et. al.* (Orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 10-22.

<sup>1</sup> Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.

<sup>2</sup> Willian Nunes Bueno;

Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.

<sup>3</sup> Prof. Or. Marcos V. Barszcz;

Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 60 p.

\_\_\_\_\_. A psicanálise existencial. *In*: **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 5<sup>o</sup> ed, RJ: Vozes, 1997, p. 682-703.

SIPAHI, Fabiano Matos; VIANNA, Fernanda de Camargo. **Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial**. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 503-507, out. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312001000400002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 2 de Outubro de 2019.

<sup>1</sup> Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;  
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.  
<sup>2</sup> Willian Nunes Bueno;  
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.  
<sup>3</sup> Prof. Or. Marcos V. Barszcz;  
Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant'ana.